



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES: PODER, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

Edilece Souza Couto

Universidade Federal da Bahia

Marcelo Pereira Lima

Universidade Federal da Bahia

A História das Religiões, desde que seu objeto e seus fundamentos teórico-metodológicos foram definidos no século XIX, aborda as religiões institucionalizadas e um conjunto diversificado de crenças, ritos e práticas, que pode alcançar ou não a formalização e o reconhecimento enquanto religião. São esses grupos não institucionalizados, que possuem sentimento religioso e organização interna, que identificamos como praticantes de uma religiosidade. (ALBUQUERQUE, 2007) Em diferentes épocas, as religiões e religiosidades estiveram associadas ao poder instituído, seja de um grupo político ou das instituições. Essa associação entre religião e política implica em relações de poder com acordos, negociações, conflitos e resistências.

A historiografia também tratou de diferentes formas o campo religioso. Até o século XIX, havia o positivismo e a ideologia evolucionista que classificavam as sociedades e as crenças de forma escalonada, de acordo com as etapas e graus de evolução, passando do primitivismo ao monoteísmo até se chegar a uma total secularização. E vigorava uma história política que privilegiava os documentos escritos produzidos pelas aristocracias, ou seja, pelos grupos dominantes. Muitos desses estudos sociológicos clássicos reforçavam, com um verniz cientificista, o caráter eurocêntrico e universalista, a preocupação com a evolução, a origem da religião, a separação entre magia e religião, acreditando que as regras que regiam a religião eram as mesmas da natureza, embora percebessem a ideia de que ela

respondia a problemas e dificuldades práticas e sociais, tendo capacidade de reestruturar a vida cotidiana do grupo. (HERMMAN, 1997) Nesse contexto, os estudos do sagrado estavam a cargo das lideranças eclesiásticas que produziam obras apologéticas. Esse descompasso fez com que um grupo de estudiosos se juntasse em torno de duas novas disciplinas, a História das Religiões e a Ciência das Religiões, para, por meio do método comparativo, do uso das evidências em documentos e da crítica histórica, estudar os fenômenos religiosos. (ANDRADE, 2013)

Entretanto, mesmo os estudiosos do social ou da economia, que não pretendiam investigar as experiências e vivências do sagrado, não podiam desconhecer o papel das crenças e das instituições religiosas nas sociedades. Dessa forma, Karl Marx e Friedrich Engels, ao se debruçarem sobre as análises dos problemas sociais e políticos das classes trabalhadoras, viram na religião não apenas o seu caráter de “ópio do povo”, mas, a consideraram “[...] a teoria geral desse mundo, a sua soma enciclopédica, a sua lógica sob forma popular, *son point d’honneur* espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu complemento solene, a sua consolação e justificação universais”. (MARX; ENGELS, 1972, p. 4 6) Para essa perspectiva, a religião não seria somente ilusão ou desvio da realidade, mas também autoconsciência e autossentimento profundamente arraigado no “homem” (no sentido universal e masculino do termo) e suas relações com a sociedade e o Estado. Tratava-se de uma visão irreligiosa da religião. Embora distinto, este conceito amplo se aproxima da forma como os gregos definiam a religião. Ela não estaria atrelada exclusivamente à adoração dos deuses, mas era um conjunto de normas, observações, advertências e interdições sociais. Nesse sentido, a *enklesia* (que deu origem ao termo igreja) era uma assembleia de cidadãos para discussões e deliberações sobre diversos temas de interesse social e não apenas religioso.

Embalados pelos avanços da historiografia francesa dos *Annales* e da Nova História Cultural, os historiadores do século XX expandiram as abordagens sobre as religiões e religiosidades. Atualmente, esse campo específico conta com associações nacionais e internacionais, cujos pesquisadores dialogam com diversas áreas, como a Antropologia, Geografia, Sociologia, Filosofia, Literatura, Arquitetura, etc., com as quais compartilham teorias e métodos, com a utilização de fontes antes restritas a cada área, como os relatos orais na Antropologia; os dados estatísticos, na Geografia;

as obras literárias, na Literatura ou os monumentos, na Arquitetura. Por isso, longe de buscar imutabilidades e essências das religiões monoteístas, as investigações mais recentes diversificaram seus escopos para abordagens sensíveis às mudanças, dinâmicas e interseções entre diversos marcadores sociais e históricos. Inclui-se a pluralidade de temporalidades, documentações e sujeitos sociais, incluindo as mulheres. Enfatiza-se as modalidades de controle e resistências para pensar sobre as unidades dinâmicas de discursos e experiências religiosas, levando em conta os aspectos políticos, étnico-raciais, econômicos, institucionais, culturais, de gênero etc. Essa perspectiva orienta boa parte dos artigos desse dossiê

As relações entre uma instituição religiosa e outra de poder político, as denominações cristãs e o Estado, por exemplo, possuem um lugar de destaque na historiografia sobre religiões. Algumas se dedicam às relações com o espaço sagrado. Observamos essa linha de análise também neste dossiê. O artigo *O Império Romano e poder da Igreja Cristã: bispos e homens Santos, e a atuação política nas cortes imperiais do IV ao VI século*, de Kelly Mamedes, analisa a hierarquização e organização da Igreja Cristã nos séculos IV e VI. Portanto, trata da organização do clero e as suas relações com o poder imperial romano. Roberto Oliveira, em *O Pathos republicano em Girolamo Savonarola: a atualização de um conceito*, discute a vivência política de Florença no século XV, que incluía debates, sobre a autonomia da cidade e os direitos dos cidadãos, inspirados e orientados por um clérigo, um monge dominicano. Por sua vez, Douglas Franzen e Marciele Wilbert, sob o título *Uma igreja modernista na paisagem da cidade: uma análise arquitetônica e patrimonial da igreja de Tunápolis (SC)*, trazem uma análise da arquitetura e do patrimônio de uma igreja, espaço sagrado por excelência, em Santa Catarina. A resenha escrita por Rafael Santos e intitulada *A mudança de paradigma do papa francisco?* analisa o olhar de determinado grupo conservador da Igreja Católica sobre a postura, considerada progressista, do atual pontificado, demonstrando que há diferentes interesses e conflitos ideológicos dentro da instituição.

Os demais artigos não têm na organização de uma religião, nas suas construções, hierarquias ou dogmas, os seus argumentos centrais. Dessa forma, a maioria dos artigos, ou seja, cinco do total de sete, não trata da formatação desses grandes grupos religiosos, e sim, das religiosidades, dos sentimentos religiosos e das

relações de poder em diferentes épocas. Dois artigos abordam questões de gênero e religião. Claudenilson Dias, em *Vivências de gênero dissidentes em religiosidades de matrizes africanas: alguns aspectos sobre as transexualidades na religião*, parte da revisão bibliográfica sobre o Candomblé e suas reflexões sobre corpo e sexualidade para a análise de atitudes de aceitação e rejeição da diversidade sexual e de gênero, especialmente, as vivências de transexuais em grupos de religiões de matrizes africanas. Enquanto Luanna Amaro, em *Circularidades e vozes: a religiosidade na educação feminina em meados do século XX*, traz uma reflexão sobre a escrita feminina, por intermédio das receitas culinárias manuscritas ou impressas, e suas relações com a sociedade e a cultura na Paraíba do século XX.

Dois artigos tratam das representações como resistências de grupos afro-brasileiros e africanos aos processos de dominação e evangelização por parte dos católicos de religião oficializada pelo Estado. Milton Moura, em *Uma coroação de rei negro na Bahia do século XVIII: a insolência como estratégia de afirmação no campo político-religioso*, focaliza sua investigação em um evento festivo, a "coroação" de um rei negro em Salvador, no qual identifica danças, sorrisos e prantos dos negros não apenas como manifestação lúdica, e sim, como afirmação político-religiosa, apesar de vista como insolência e desordem pelas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Vitor Cunha, em *As relações do "reino" etíope com o Damot: evangelização e resistência*, discute as diferenças e relações de poder entre os cristãos etíopes e os gafat que praticavam o "paganismo" entre os séculos XIII e XVI. Segundo o autor, os etíopes utilizaram o cristianismo para a expansão do reino e os gafat resistiam na tentativa de manter seus traços culturais.

Este dossiê foi organizado com a intenção de trazer análises diversas sobre as interfaces entre religiões e poderes. Os artigos aqui reunidos atendem a esse chamado e abordam duas religiões, o Cristianismo e as Religiões afro-brasileiras. Os artigos demonstram que as diversas vivências religiosas estão permeadas das relações de poder, que, por sua vez, envolvem conflitos em torno das diferentes identidades e suas interfaces de gênero e sexualidade, das hierarquias eclesiásticas e políticas e as formas de resistência ou táticas (CERTEAU, 1998, p. 47), como aproveitar ocasiões e brechas na oficialidade dominante, para driblar a imposição de regras e,

mesmo em contextos políticos desfavoráveis, imprimir seus traços identitários e culturais e manter suas práticas religiosas.

Referências

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no campo de estudos da Religião e da História. In: GUERRIERO, Silas (Org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção estudos da ABHR), p. 57-68.

ANDRADE, Solange. R.. História das religiões e das religiosidades: uma breve introdução. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). **Reconhecendo o sagrado: Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades**. 1ed. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2013, v. 1, p. 09-27.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1972.